

Os primeiros cinco artigos do número 111 da *Nação e Defesa* são dedicados ao pensamento de Raymond Aron e foram apresentados publicamente no colóquio sobre o autor francês, realizado no Instituto da Defesa Nacional no passado mês de Abril. Raymond Aron foi, indiscutivelmente, um dos intelectuais mais importantes do século XX. Viveu os grandes momentos políticos da primeira metade do século passado, desde a subida de Hitler ao poder, como estudante na Alemanha, até à Segunda Guerra Mundial, como refugiado em Londres. Acompanhou a Guerra Fria, analisando-a e estudando-a até à sua morte, como académico, como comentador e como um intelectual que nunca fugiu das questões mais incómodas, nem abandonou as suas convicções, mesmo quando estas o condenavam ao isolamento. Aron tratou os grandes temas políticos do século XX. No plano ideológico, reflectiu sobre a democracia liberal e os totalitarismos. No campo da filosofia e da sociologia política, sublinhou a importância de autores fundamentais como Montesquieu, Tocqueville, Marx, Durkheim, e Weber. Por último, nas relações internacionais, o seu trabalho estendeu-se desde a teoria, com “Paz e Guerra entre as Nações” e os estudos sobre Clausewitz e a guerra, até aos assuntos que ainda hoje são relevantes, como a natureza da hegemonia norte-americana, a relação transatlântica, as relações entre os países europeus e as suas antigas colónias, a segurança de Israel, e a integração europeia.

Os cinco contributos aqui publicados tratam de questões tão distintas como a estratégia e a filosofia política. O General Cabral Couto diz-nos que Aron foi o “último dos clássicos da estratégia” e que a sua obra “continua incontornável” num conjunto de aspectos decisivos para a estratégia militar e diplomática dos Estados. O Professor Jean-Pierre Derrienic da Universidade Laval, no Canadá, discute as “novas guerras” à luz do pensamento de Aron, argumentando que compete ao “Estado limitar a violência na cena internacional”. O Dr. Christian Malis, um investigador francês, analisa o modo como Aron abordou a história das crises transatlânticas entre 1945 e 1966, nomeada-

mente em relação à questão do rearmamento alemão, à crise do Suez e ao grande debate nuclear sobre a defesa do Ocidente.

No plano da teoria política, o Professor Aurelian Craiutu, da Universidade de Indiana, apresenta o pensamento de Aron como o “exemplo de um julgamento político lúcido”, em oposição às tendências radicais e totalitárias de muitos intelectuais contemporâneos, irresistivelmente atraídos pelas “metafísicas irresponsáveis”. O Dr. Miguel Morgado, do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica, trata dos temas da decadência e da protecção da civilização, no contexto das reflexões de Aron sobre a “decadência da Europa” e do Ocidente. No balanço final, o conjunto destes cinco artigos demonstra o significado de uma das heranças mais importantes de Aron: um intelectual comprometido com o destino do mundo em que viveu.

A segunda parte do número 111 trata ainda de outros três temas. O Comandante Jorge Silva Paulo e a Doutora Ana Magalhães estudam o caso das empresas militares. O primeiro analisa o caso do mercado europeu de serviços de segurança e defesa, avisando no entanto contra os perigos da privatização da defesa militar, nomeadamente “pondo em causa o monopólio da violência legítima do Estado”. O segundo artigo discute os benefícios e as desvantagens das empresas militares privadas para as operações das Nações Unidas, introduzindo uma distinção fundamental entre empresas militares e mercenários.

Os últimos dois artigos debruçam-se, respectivamente, sobre o crime organizado e a comunicação e conflito. No primeiro caso, a Dra. Helena Carrapiço, investigadora no IDN, explica o modo como as redes de crime organizado utilizam as novas tecnologias para prosseguirem os seus objectivos com maior eficácia. Por fim, Joám Evans Pim, Director do Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, na Corunha, examina o uso da Internet pelos participantes em conflitos internacionais, incluindo governos, ONG’s e outros tipos de actores.

João Marques de Almeida